



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE LETRAS**

GUILHERME DOS SANTOS CAMPOS

**UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM JUIZ THOMAS
DANFORTH NA PEÇA “THE CRUCIBLE”, DE
ARTHUR MILLER**

SANTARÉM-PA

2022

GUILHERME DOS SANTOS CAMPOS

**UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM JUIZ THOMAS DANFORTH NA PEÇA “THE
CRUCIBLE”, DE ARTHUR MILLER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Programa de Letras como requisito parcial
para a obtenção de nota na disciplina
PLET0037 Trabalho de Conclusão de Curso
II, Universidade Federal do Oeste do Pará,
Instituto de Ciências da Educação.

Orientador: Elder Kôei Itikawa Tanaka

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

-
- C198u Campos, Guilherme dos Santos
Uma análise do personagem Juiz Thomas Danforth na peça “The Crucible”, de
Arthur Miller / Guilherme dos Santos Campos – Santarém, 2022.
23 p.
Inclui bibliografias.
- Orientador: Elder Kôei Itikawa Tanaka
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pa-
rá, Instituto de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura em Letras.
1. Arthur Miller. 2. Thomas Danforth. 3. Macarthismo. 4. McCarthy. I. Tanaka, El-
der Kôei Itikawa, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 869.93



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que o aluno Guilherme dos Santos Campos matrícula nº 201801193, sob minha orientação, defendeu seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: Uma análise do personagem Juiz Thomas Danforth na peça "The Crucible", de Arthur Miller no Curso de Licenciatura em Letras Inglês do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), em sessão pública realizada no dia 25 de novembro de 2022. Sendo o aluno **APROVADO (A)** com nota 8,5, e tendo a banca avaliadora composta pelos seguintes professores:

Membros da Banca

Paola Piovezan Ferro, Ufopa – (Docente Interno à Instituição - Examinadora)

Thiago Pereira Russo, USP (Docente Externo à Instituição - Examinador)

Elder Kôei Itikawa Tanaka, Ufopa (Docente Interno à Instituição - Orientador)

Santarém, 03/12/2022

Prof. Elder Kôei Itikawa Tanaka
Professor Orientador

RESUMO

Por meio da análise do personagem Thomas Danforth na peça “The Crucible” (1953), de Arthur Miller, este artigo busca referenciar os acontecimentos e atitudes envolvendo Danforth com as circunstâncias ocorridas nos Estados Unidos da América (EUA) na década de 1950. Esta pesquisa investigará a configuração social dos EUA nesse período histórico, a fim de compreender como era difundido o Macarthismo, como ficou conhecida a perseguição comandada pelo senador Joseph McCarthy (1908-1957) às pessoas que eram acusadas de envolvimento com o movimento comunista. Assim, através deste estudo, serão analisadas as ações da figura pública de McCarthy e as perseguições difundidas por ele, aludindo aos atos realizados pelo personagem Thomas Danforth, para equiparar a personalidade pública e o personagem retratado na peça teatral, logo, discutir como ambos usavam seu poder para condenar inocentes.

Palavras-chave: Arthur Miller. Thomas Danforth. Macarthismo. McCarthy.

ABSTRACT

Through the analysis of the character Thomas Danforth in the play “The Crucible” (1953), by Arthur Miller, this article seeks to reference the events and attitudes involving Danforth with the circumstances that occurred in the United States of America (USA) in the 1950s. This research will investigate the US social configuration in this historical period, in order to understand how McCarthyism was widespread, as the persecution commanded by Senator Joseph McCarthy (1908-1957) became known to people who were accused of involvement with the communist movement. Thus, through this study, the actions of the public figure of McCarthy and the persecutions spread by him will be obtained, alluding to the acts performed by the character Thomas Danforth, to equate the public personality and the character portrayed in the play, therefore, to discuss how both used his power to condemn innocents.

Keywords: Arthur Miller. Thomas Danforth. McCarthyism. McCarthy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. ARTHUR MILLER.....	9
3. EUA NOS ANOS 1950.....	9
4. A CONFIGURAÇÃO SOCIAL NA PEÇA DE ARTHUR MILLER.....	11
5. THE CRUCIBLE E OS EUA NO SÉCULO XX	14
6. O PERSONAGEM THOMAS DANFORTH.....	16
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
8. REFERÊNCIAS.....	22

1 INTRODUÇÃO

A peça “The Crucible¹” (As Bruxas de Salém, 1953) retrata um evento em 1692 na cidade de Salém, no estado de Massachusetts (EUA), onde aproximadamente 200 pessoas foram acusadas de praticarem bruxaria. Na peça escrita por Arthur Miller (1915-2005), um grupo de moças são flagradas realizando um ritual na floresta, e uma das integrantes adoece e tem sintomas até então nunca vistos. Seu pai questiona o porquê de as jovens dançarem em meio à mata e a história se inicia desse acontecimento. Com a discussão a respeito da prática que as jovens realizavam na floresta, os moradores de Salém, uma comunidade puritana, começaram a questionar se aquele não seria um ato de bruxaria. Assim, com esta narrativa, a peça “The Crucible” mostra como ocorrera a caça para provar o envolvimento das jovens e demais moradores de Salém acusados de bruxaria, e desta forma, foram utilizadas não somente acusações contra as jovens, mas perseguições contra qualquer indivíduo que apresentasse alguma opinião ou atitude diferente do júri, que chegou na comunidade para julgar quem estaria associado com práticas de feitiçaria.

Dessa forma, para colocar sua peça “The Crucible” nos palcos, Arthur Miller criou uma história que envolvesse aspectos sobrenaturais em um contexto que não houvesse semelhanças declaradas aos acontecimentos que ocorriam nos EUA durante a década de 1950, assim não haveria censura ou perseguição ao diretor em pleno Macarthismo, como muitos artistas sofreram naquele período (MILLER, 1996, p 03).

Santos (2019, p. 292-293) explica que o Macarthismo é “um movimento anticomunista proliferado pelos Estados Unidos em meados da década de 1950 que trouxe grandes consequências para a população norte-americana”, além de ser um termo “utilizado para designar procedimentos de perseguição aos comunistas e subversivos, atentados contra liberdade de expressão e de pensamento, intolerância ideológica, repressão política, acusações irresponsáveis e sem provas” (FERREIRA, 1989, p 25), que durou de 1950 a 1957, e se propagou pela caça aos comunistas imposta pelo senador estadunidense Joseph McCarthy (1908-1957). Miller desejava que a população entendesse suas obras como um retrato de suas vidas, sem que requisitassem licença poética para serem consideradas admiráveis (RUSSO, 2014, p. 53). Nessa perspectiva, “The Crucible” carrega também um contexto histórico de perseguição política.

No Brasil também houve um período marcado por perseguições de indivíduos que se

¹ Segundo o dicionário de Oxford Languages “The Crucible” é um pote/armazém no qual metais ou outras substâncias podem ser derretidos ou aquecidos a temperaturas muito altas. Também é usado para se referir a uma situação em que algo é testado ou um conflito ocorre, geralmente um que produz algo novo.

colocavam contra o regime totalitário da época, entre 1963-1980. Foi um tempo caracterizado por grandes confrontos internos, fato semelhante ao que ocorreu nos EUA em meados da década de 1950 (ARAUJO; SILVA; SANTOS, 2013, p. 23). Um exemplo dessas perseguições é a caça aos comunistas que ocorreu no Brasil (KARNAL et al, 2007, p. 18-20).

Considerando a alusão criada por Miller em seus personagens para retratar os acontecimentos nos anos de 1950, este trabalho analisa o personagem Juiz Thomas Danforth, por ser uma figura de fundamental importância na narrativa da peça, devido à configuração de poder que possuía para julgar e sentenciar os demais personagens à morte, personificando a figura pública Joseph McCarthy e as perseguições que ele orquestrou nos EUA no século XX.

2. ARTHUR MILLER

O dramaturgo norte-americano Arthur Miller nasceu na cidade de Nova Iorque em 17 de outubro de 1915 e faleceu em 10 de fevereiro de 2005, e é considerado um dos principais nomes da dramaturgia estadunidense surgidos após a Segunda Guerra Mundial. Arthur Miller tinha origem judaica, cresceu vendo seu pai construir carreira como lojista, com criação de roupas femininas. Quando houve a crise da bolsa de 1929, seu pai faliu e Miller foi obrigado a se mudar de Manhattan para uma área suburbana do Brooklyn, em Flatbush. Arthur herdou de sua mãe, a professora Augusta Barnett Miller, um forte senso de misticismo que posteriormente influenciou muito seu trabalho. Ademais, ainda menino, pelo afastamento de seu pai causado pelo fracasso nos negócios, Miller se ressentiu e a figura do pai fracassado desempenharia um papel significativo na sua escrita (ROSEFELDT, 2010, p. 08).

Moldado por essas intervenções na infância, Miller percebeu a estrutura social na qual vivia a classe mais pobre, o que o impulsionou a escrever sobre a população pobre americana e o trabalho (MENDONÇA, 2004, p. 90). Com o passar dos anos, Miller se viu no desafio de representar e argumentar a crise ética específica do capitalismo americano, e como o capitalismo criou a distinção entre classes sociais. Isso fez com que o teatro de Miller retratasse o cidadão comum em seus personagens, que elencaram aspectos que os caracterizavam com as palavras de ordem do sistema dominante. O foco de Miller “[...] não é examinar uma suposta vitimização do indivíduo, mas sim investigar os meios pelos quais ele rende tributo incondicional aos próprios mecanismos que o alienam e exploram” (BETTI, 2005, p. 31).

Miller cursou jornalismo na Universidade de Michigan em 1934, e lá ganhou seu primeiro prêmio de dramaturgia. Contudo, Miller abandonou o curso de jornalismo e ingressou no curso de inglês, por se ver insatisfeito com a área de jornalista. Em 1936, teve aulas de

dramaturgia e, com isso, veio a escrever mais peças, o que ocasionou o recebimento de outros prêmios. Em 1938, Miller finalizou seu curso universitário, posteriormente participou do Projeto Federal de Teatro (Federal Theater Project), órgão cultural que atendia à crise de desempregados do setor artístico no chamado “New Deal”. Essa participação no FTP futuramente seria questionada pelo Comitê de Atividades Antiamericanas em 1953. (BETTI, 2005, p. 32)

Em 1944, Miller tem sua primeira peça encenada na Broadway “The man who had all the luck”. “All my sons” estreou em 1947, recebendo o prêmio do Círculo de Críticos de Teatro de Nova York, e dois prêmios Tony Awards (Antoinette Perry Awards for Excellence in Theatre), o maior e mais prestigioso prêmio do teatro dos Estados Unidos, correspondente ao Oscar do cinema, Emmy da televisão e Grammy na música, entregue pela American Theatre Wing e pela The Broadway League em cerimônia anual na cidade de Nova Iorque. Contudo, Miller escreve seu nome na galeria dos grandes Dramaturgos com “A morte do Caixeiro Viajante” (1949), abordando o protagonista não como um nobre, mas uma simples pessoa americana (MENDONÇA, 2004, p. 91). Com “As Bruxas de Salém” (1953), Miller fez seu nome no cânone teatral do século 20, como lembra Betti (2005, p. 31).

3. EUA NOS ANOS 1950

Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos lideraram o poderio militar e econômico do mundo. As grandes corporações estadunidenses tiveram grande influência no controle da economia do país e ao redor do globo, o que moldou o senso político nos anos de 1950, em troca do controle conservador da economia e sociedade, garantindo melhores salários e condições de vida para os trabalhadores. A imagem dos Estados Unidos nos anos 1950 centra-se na prosperidade econômica e na estabilidade familiar, a população da época tinha emprego estável e ampla oportunidade de mobilidade social. Tal acordo fora pautado em uma política estreitamente anticomunista, que levou o país a uma guerra “fria” contra ameaças “radicais” (KARNAL et al, 2007, p. 218).

O governo chefiado por Truman (1945-1952) requeria uma estabilidade política nacional e internacional, o que favoreceu uma aliança entre empresas, governo e Forças Armadas, gerando aumento na seguridade de benefícios sociais nos anos 1950. Assim, os Estados Unidos da América tornaram-se “World Cop” (o “policial do mundo”), fiscalizando e caçando os grupos que se auto proclamavam comunistas e grupos do setor trabalhista ao redor do mundo. A fiscalização contra os respectivos grupos causou histeria na população, pelo medo

de serem taxados adeptos ao comunismo ou grupos organizacionais. Essa perseguição foi replicada em todo o país com a nova “caça aos vermelhos” dos anos 1950, popularmente conhecida como Macarthismo, por ato do senador Joseph McCarthy.

As investigações publicadas contra a suposta subversão de intelectuais, artistas e funcionários do governo federal, que resultaram em inúmeras demissões, centenas de sentenças de prisão e algumas execuções tornaram McCarthy o rosto público do anticomunismo. (KARNAL et al, 2007, p. 230)

Com a promoção dos “valores americanos”, governos estaduais e locais frequentemente usaram formas de discriminação para reprimir homossexuais no funcionalismo público, por exemplo, com a prerrogativa de fazerem parte do comunismo. Pouquíssimos eram os casos de denúncias aos ataques contra liberdades, pois havia o medo por parte da população de serem considerados comunistas e acabar sendo presos, o que fez civis e intelectuais, artistas e público em geral abertamente apoiarem a repressão, impossibilitando a crítica ao governo americano, ocasionando o enfraquecimento de todos os impulsos reformistas e consolidando uma cultura oficial de conformidade social por uma década. (KARNAL et al, 2007, p. 230)

4. A CONFIGURAÇÃO SOCIAL NA PEÇA DE ARTHUR MILLER

As peças de Arthur Miller comprovam o impacto orquestrado na esfera ética pelas imensas crises históricas de sua época: a Depressão econômica, a Quebra da Bolsa de Valores de 1929, nazismo e sua ascensão, a experiência aterradora do Holocausto, o Macarthismo, a política de delações instituída pelo Governo Federal norte-americano durante a Guerra Fria, e o grande deslumbre ideológico que ficou implícito no chamado “Sonho Americano” de ascensão pessoal e financeiro. O autor teve um grande desafio para representar dramaturgicamente toda a gama de questões que moldava a configuração social dos EUA, tanto pela necessidade de resoluções formais complexas e sem demonstrar semelhanças com a realidade, como demandar o conjunto de pensamentos ideológicos e posicionamento político contra a máquina estatal e a criação selecionada de obras artísticas por Hollywood (BETTI, 2005, p. 31).

A caçada vermelha, liderada pelo Comitê de Atividades Antiamericanas da Câmara e por McCarthy, estava se tornando a fixação dominante da psique americana. Chegou a Hollywood quando os estúdios, depois de resistirem, concordaram em enviar os nomes dos artistas ao Comitê da Câmara para "compensação" antes de empregá-los. Isso desencadeou um verdadeiro terror sagrado entre atores, diretores e outros, desde membros do Partido até aqueles que tiveram o menor contato com uma organização de fachada. (MILLER, 2002, p. 02)

Betti (2005, p. 32) fala sobre o início dos anos 1950, que sem sombra de dúvidas foi o

período que o modelo “ibseniano”² agregou valor ideológico à formação de Miller e se fez sentir mais claramente em “The Crucible” (As Bruxas de Salém), de 1953, peça que faz alusão aos horrores inerentes aos inquéritos comandados pelo Comitê de Atividades Antiamericanas, denunciando em sua obra os crimes contra o povo americano. “Em “The Crucible”, “ao retratar Salém, ele dialoga diretamente com as perseguições aos acusados de comunismo pelo macarthismo” (MORAIS, 2015, p. 12).

Em 1953, Miller foi condenado pelo comitê Macartista por recusar-se a delatar nomes de intelectuais com quem teria estabelecido conexões durante o Congresso de Escritores organizado pelos comunistas nos anos 1930. Contudo, foi no ano de 1956, que o autor fora chamado pelo Comitê de Atividades Antiamericanas da Câmara para depor sobre o roteiro de sua peça. Embora, Miller sabia que este não era o único motivo que levou o Comitê a chamá-lo para depor, seu casamento com Marilyn Monroe também atraiu os holofotes. “Foi porque eu estava noivo de Marilyn Monroe. Se eu não estivesse, eles nunca teriam pensado em mim. Eles passaram pelo escritor muito antes e nunca me tocaram” (MILLER, 1987, p. 13, tradução nossa).³

Miller estabeleceu paralelo com o presente da década de 1950 em “The Crucible”, produzindo um olhar crítico sobre o Macarthismo, aproximando a paranoia anticomunista dos anos 1950 com a histeria coletiva da comunidade de Salém, estado de Massachussetts, no século XVII (BETTI, 2005, p. 32), em que dezenove moças foram sentenciadas à morte em 1692, na América colonial. A caça e condenação de pessoas acusadas de bruxaria na peça faz uma alegoria das perseguições orquestradas pelo senador republicano Joseph McCarthy com o aval do Governo Federal e de todo o aparelho de Estado norte-americano, assim como as condenações que o personagem Thomas Danforth fizera sem provas, apenas seguindo critérios de perseguições impostos no século XVII pela igreja e pelo Estado – tendo a Bíblia como lei.

Dessa forma, Miller apresentava em suas peças a visão do mundo que exprimia na

² Henrik Ibsen (1828-1906) foi uma importante figura para o molde do teatro moderno e ao longo de 50 anos escreveu vinte e seis peças. Ele foi responsável por gerar uma era nova no teatro, especialmente a respeito da dramaturgia, pois deixou as velhas formas do teatro clássico e abrangeu os problemas de seu tempo. Nas novas formas, Ibsen abordava comédias realistas que retratavam os valores morais da burguesia, dessa forma, moldou a concepção de fazer teatro, com o palco tendo sua estrutura modificada, o texto agora é trabalhado de uma forma diferente pelo ator e a plateia. Outrossim, as lutas que trilhava contra a sociedade burguesa ajudavam a representar a alta elite nos chamados “dramas sociais”, bem como apresentadas nas peças “Os pilares da sociedade” (1877), “Casa de boneca” (1879), “Os espectros” (1881) e “Um inimigo do povo” (1884). Tais obras tornaram Ibsen um dos autores mais discutidos no século XX. Suas ideias também influenciaram muitos dramaturgos, como Oscar Wilde, Arthur Miller, entre outros. Após as peças de Ibsen, o teatro passa a não ser visto apenas como entretenimento, mas feito um instrumento de ensaio social. (SILVA, JANE, 2007, p. 15)

³ “It was because I was engaged to Marilyn Monroe. Had I not been, they’d never have thought of me. They’d been through the writer long before and they’d never touched me” (MILLER, 1987, p. 13)

própria estruturação da peça, por atenuar as ofuscantes cores da realidade, já que a peça apresentava um drama político em que caracterizava forças oriundas das mais baixas classes e fisionomias, dependendo da situação em que estava inserido. Desse modo, Magaldi (1989, p. 360-365) afirma que o texto de Miller se discernia para atender as estruturas sociais, sugerindo uma fórmula política para ir contra as injustiças. Assim, Miller criava um novo processo dramático, transbordando as relações do intérprete com a personagem e com o público, para montar, sem os moldes emocionais, o propósito crítico na sociedade. Miller apresenta em sua dramaturgia um avanço dos processos tradicionais, que foram aplicados corretamente e de forma inteligente com o entusiasmo do momento, uma vez que a índole de um autor está estreitamente compactuada à capacidade de apreender as coordenadas sociais do momento, conversando com as paredes que o cerca.

Magaldi (1989, p. 360-365) ainda aborda que Miller, ao apresentar os personagens nos palcos, coloca as relações políticas intrínsecas com o *gestus* do protagonista ou demais envolvidos. Aponta então, em exercício do pensamento, em que, embora não conhecessem a realidade como um todo, a plateia conseguiria facilmente entender a relação humana apenas com o que fora apresentado nos palcos. Miller era um extraordinário criador de personagens, visto que se atentava para o arsenal da psicologia que era empregada para abordar de forma profunda os personagens, dando grande imersão na aventura.

The Crucible consegue retratar uma mitificação coletiva, de forma que o autor resgata recortes de jornais e informações disponíveis na época para efetuar nos palcos ações recorrentes de perseguições como acontecimentos que ocorreram no século VXII em Salém. Construindo um drama com grande riqueza, por agregar diversas informações, sem que excluísse partes umas das outras, do mesmo jeito que não acentuou apenas uma das ideias propostas no texto e encenadas no palco.

A obra teatral de Miller passa ao espectador e leitor a convicção de que há uma verdade para ser analisada e descoberta, assim, o trabalho de Miller se faz marcar pela procura constante da coerência e da integridade e isto somente será possível conforme se analisa de forma profunda as experiências históricas e coletivas do passado (BETTI, 2005, p. 33). E para Rosenfeld (2006, p. 134) esse processo de análise do teatro de Miller faz do espectador um observador, pautando o homem como um objeto de investigação. Tal investigação é recorrente ao analisar as ações do juiz Danforth, ao mostrar que mesmo com enorme poder, por vezes, hesita em suas atitudes e acaba por duvidar de suas ações ou pedir conselhos a moradores de Salém “Ela foi condenada como bruxa. O que é que o senhor propõe então?” (MILLER, 1997, p. 101). Ainda, ao negociar uma falsa acusação somente para sanar a inquietação da cidade,

com medo de ressalvas, Danforth incita ao personagem Proctor para que assumisse a culpa por atos não cometidos “Senhor Proctor, quando o Diabo lhe apareceu trazia por acaso Rebeca Nurse na sua companhia?” (MILLER, 1997, p. 107)

5. THE CRUCIBLE E OS EUA NO SÉCULO XX

Em 1950, Miller cogitou escrever sobre a caça aos comunistas na América, motivado pela violação dos direitos civis, que os inquisidores utilizavam para perseguir a população, e pelo medo que as pessoas sentiam de serem associadas e identificadas como comunistas disfarçados (MILLER, 2002, p. 2). Sendo assim, na peça teatral “The Crucible”, que aborda essa temática, os personagens possuíam grande medo de serem taxados como bruxos por apresentarem algum comportamento que seria considerado fora do “normal” para os moradores de Salém, que poderia ser um dos motivos para acusá-los de estarem possuídos ou mancomunados com entidades malignas, visto que, muitas das acusações poderiam ser realizadas com intenções de conseguir terras com as execuções de determinados moradores.

A existência de bruxas nunca foi questionada pelas mentes mais elevadas da Europa e da América; e até mesmo advogados da mais alta eminência, como Sir Edward Coke, um verdadeiro herói da liberdade por defender a lei comum contra o poder arbitrário do rei, acreditavam que as bruxas deveriam ser processadas sem piedade. (MILLER, 2002, p. 03).

Morais (2015) conta que Miller escolheu o episódio de Salém por necessitar de um contexto que o possibilitasse criticar principalmente a intolerância norte-americana, uma vez que, para o dramaturgo, a América do Norte possuía contexto de inflexibilidade desde as origens da república. O episódio de Salém é um bom referencial para explicar o porquê de a peça ter sido escrita nesse contexto e o porquê da escolha justamente desse episódio. Miller argumenta que o medo é o sentimento que está envolvido em ambos os momentos históricos e que ele é responsável por gestos de intolerância que causam perseguições para outras pessoas, assim como as tragédias em Salém ou a perseguição aos comunistas. Para o dramaturgo, “‘The Crucible’ foi um ato de desespero” (MILLER, 2002, p. 1). Visto que, “The Crucible” apresentava ainda no começo da peça, indícios de uma comunidade que se amedrontava em relação ao que era pregado na comunidade de Salém. Momento este em que Proctor é questionado sobre o não comparecimento aos encontros na igreja, e o mesmo retruca ao falar que há diversos como ele, que sentem medo pela linguagem que estava sendo disseminada na igreja, era sobre as “chamas do inferno e da danação eterna” (MILLER, 1997, p. 26). Ademais, o medo que se instaurou quando o tribunal começa com os julgamentos na cidade, bem observado quando o personagem Hale comenta com Danforth “Hale: Excelência...Já não podemos fechar os olhos. Um medo prodigioso deste Tribunal percorre a província...”

(MILLER, 1997, p. 76)

Miller (2002) diz que à medida que a forma dramática épica⁴ se tornou visível, houve uma questão que permaneceu inflexível: diversas práticas dos julgamentos de Salém eram semelhantes às empregadas pelos comitês do Congresso. Dessa forma, Miller poderia facilmente ser acusado de plagiar o contexto americano em sua peça para contar uma história através de um propósito partidário e, assim que souberam que a peça seria sobre Salém, Miller enfrentou acusações e se defendeu afirmando sobre tal analogia ser meramente ilusória. Contudo, Miller (2002) fala sobre a pesquisa realizada em Salém e do quanto mais lia os documentos encontrados sobre os ocorridos naquela cidade, mais entendia o pânico naquela comunidade, e mais fazia correlações entre imagens recorrentes nos anos 1950, como “o velho amigo de uma pessoa na lista restritiva atravessando a rua para não ser vista falando com ele; as conversões noturnas de ex-esquerdistas em patriotas renascidos; e assim por diante” (p. 04).

Miller possuía grande relevância no mundo artístico, e a peça “The Crucible” ganhou enorme notoriedade devido ao seu nome, com isso foram desencadeados importantes discernimentos sobre a temática central da peça. Segundo Filho (2009, p. 7), por conta de seu teatro político, Miller levava às últimas consequências as tensões que pairavam no ar da época, pois apresentava o interesse individual da população e representação para com a comunidade, abordando o patriotismo e os princípios. Por possuir um público que seguia o trabalho, e as grandes organizações que se atentavam para o que era divulgado na época, muitas pessoas acompanhavam a peça de Miller, entre elas estava a imprensa apoiadora do Comitê de caça aos comunistas, e na noite de estreia, 22 de janeiro de 1953, uma manchete de jornal relatava “TODOS OS 13 VERMELHOS CULPADOS - uma história sobre comunistas americanos que foram presos por conspirar para ensinar e defender o dever e a necessidade de derrubar o governo à força” (MILLER, 2002, p. 5).

“The Crucible” também era um teatro psicológico, em que eram abordados conceitos de natureza pública, pela verossimilhança da história de personagens com o contexto sociológico. A temática histórica-psicológica também foi bem desenvolvida em uma peça de

⁴ Segundo a Enciclopédia Itaú Cultural (2017), “[e]mbora elementos da linguagem épica existam no teatro desde os seus primórdios, o Teatro Épico surge com o trabalho prático e teórico de Bertolt Brecht. Trata-se do resgate de um termo antigo para conceituar uma nova linguagem cênica. Essa é substancialmente organizada a partir de textos que abordam os conflitos sociais sob uma leitura marxista, encenados pelo método do distanciamento. [...] O Teatro Épico utiliza uma série de instrumentais diretamente ligados à técnica narrativa do espetáculo, onde os mais significativos são: a comunicação direta entre ator e público, a música como comentário da ação, a ruptura de tempo-espaco entre as cenas, a exposição do urdimento, das coxias e do aparato cenotécnico, o posicionamento do ator como um crítico das ações da personagem que interpreta, e como um agente da história. [...] O emprego da música como comentário, a constante troca de papéis entre os atores e os saltos no desenvolvimento da trama são alguns dos recursos mais utilizados.”

Miller sobre questões sociais chamada “A view from the bridge” (1955), que abordava a imigração ilegal nos EUA. Em meio aos acontecimentos que seguem a narrativa, encontramos a temática Macarthista sobre a delação de muitas pessoas estarem filiadas a organizações comunistas; algumas pessoas eram chamadas para depor, e as autoridades as coagiam para denunciar colegas ao Comitê Macarthista. Importante salientar que havia pessoas que usavam da perseguição para fazer denúncias em benefício próprio (OLIVEIRA, 2014, p. 14-15).

6. O PERSONAGEM THOMAS DANFORTH

O personagem em estudo Thomas Danforth é uma peça-chave na obra de Arthur Miller, por possuir a responsabilidade de determinar o destino dos acusados nos julgamentos que ocorrem ao longo da narrativa. Danforth é quem julgava se as pessoas de Salém eram dignas de confiança ou eram bruxas controladas por uma entidade maligna, tal qual o senador McCarthy (1908-1957), propagador do Macarthismo, que julgava se as pessoas eram comunistas ou estavam servindo ao país. Miller usa aspectos psicológicos que circundam a sociedade nos anos em que a obra foi escrita, criando, dessa forma, Thomas Danforth com características semelhantes aos acontecimentos de perseguição macarthista.

[...] nas circunstâncias psicológicas e sociais que cercam o artista, os mistérios da criação e, conseqüentemente, a natureza e a função da personagem. Nesse sentido, os seres fictícios não mais são vistos como imitação do mundo exterior, mas como projeção da maneira de ser do escritor. (BRAIT, 2017, p. 38)

De maneira semelhante, Candido (1963, p. 63) em seu livro “O personagem de ficção” aborda o que chama mundo fictício ou mimético, demonstrando que são frequentes as vezes que refletem os momentos escolhidos e modificados da realidade observável exterior à obra, transformando-se, portanto, simbólico para algo além dele, além da realidade observável, mas inseparável à obra. Aponta também que, graças às experiências da vida real, por história ou legenda, um personagem teatral pode ser criado a partir da formação ou inclinação pessoal do autor.

O Juiz Thomas Danforth chega na comunidade de Salém para julgar o que ele acredita ser um grupo de pessoas possuídas por uma entidade maligna. O personagem Danforth apresenta uma postura séria, tem um grande comprometimento com a justiça, carrega um conjunto de signos de modo que confirma seu *modus operandi* e dá significado à obra, sejam palavras utilizadas para apresentar a situação em que se encontram, como: “júri” que é representado pelos escolhidos para ouvir, argumentar e condenar as ações de um cidadão; “poder” que está associado às acusações de bruxaria ou hierarquia social, ainda, as atitudes de

grandeza que Thomas Danforth demonstra, como o modo de se portar, para transparecer a sensação de algo superior, a própria lei, diante dos personagens e as acusações orquestradas no tribunal, bem demonstrado na passagem em que Elizabeth fala sobre o poder para condenar o povo “Elizabeth: Disse-me que já têm catorze pessoas na prisão... E vão ser todos julgados e o tribunal tem poderes para mandar todas para a forca (MILLER, 1997, p. 42)”, ou ainda, quando Danforth julga aqueles que ele pensa ser detentores de maior poder que a própria “justiça” ou os mandamentos de sua religião “Juiz Danforth: Onde vem esse poder, Mary Warren? – Mary Warren: Mas eu não tenho nenhum poder” (MILLER, 1997, p. 93). Da mesma forma que, ao pensar nas palavras “perseguir, caçar e condenar” o leitor consegue associar tais ações com a postura que Danforth desempenha na obra, com um aparato que molda a narrativa, utilizando suas ações e rigor como mecanismo que assemelham-se com o trabalho a ele deferido, já que a peça carrega um significado tenso, configurado entre características ficcionais e reais.

Por possuir o maior poder entre o júri, Danforth era quem tomava a decisão final após os demais jurados definirem a sentença de alguém. Por ser uma figura com enorme notoriedade, todos os demais se dirigiam ao Juiz Danforth com enorme respeito, pelo cargo que ele possuía, e com medo, visto que poderia julgar qualquer pessoa que fosse taxada como “diferente” ou se opor aos dogmas da lei. Contudo, muitas ações de Danforth são arbitrárias, como exemplo: defender jovens que, dentro de seu julgamento, jamais atentariam contra a verdade e vida de outra pessoa em benefícios próprios, ou ainda dizer que Abigail não tomaria tal atitude, como bem apresentado na cena em que Abigail se defende e aponta terceiros como culpados de bruxaria (MILLER, 1997, p. 79-81). Dessa forma, ao analisar o personagem Danforth, há uma concentração em uma especificidade na íntima relação entre ele e as demais instâncias do texto literário, visto que, ele é situado em uma vasta rede de relações, mesmo que aparecendo apenas para cumprir um papel de julgar e “reestruturar” a cidade, o que contribui para sua existência, pois Danforth é apresentado ao leitor como um dos “agentes da ação”, classificado como “árbitro, juiz: personagem que intervém em uma ação conflitual a fim de resolvê-la” (BRAIT, 2017, p. 47-50)

A atuação dos macarthistas consistia em acusações a pessoas e empresas que supostamente teriam ideais comunistas ou estariam de alguma forma compactuadas com ideias lançadas pelo regime socialista (SANTOS, 2019, p. 293), deste modo, Miller utiliza o personagem Juiz Thomas Danforth como referência para aludir aos atos do Macarthismo aos, por representar a tirania sem benevolência, pautada na lei (BRADFORD, 2020). O Macarthismo era conhecido como um período de “caça às bruxas” (“witch-hunt”). A expressão

utilizada para designar a repressão política nos anos 40 e 50 é uma alusão óbvia à perseguição de pessoas acusadas de bruxaria, em especial, ao episódio de Salém (MORAIS, 2015, p. 158). Uma vez que incitava as pessoas a denunciar uns aos outros, mesmo que estes fossem familiares. Com apenas uma denúncia, empresas ou grupos sociais eram investigadas pela comissão de assuntos anticomunistas dos Estados Unidos (SANTOS, 2019, p. 293).

O personagem Danforth não gera dúvidas ao demonstrar que suas ações eram respaldadas em políticas que eram seguidas pelo viés religioso para punir aqueles que estavam prejudicando a comunidade e indo contra a servidão religiosa antibruxas, semelhante a McCarthy, que apresentava grande hostilidade com aqueles que estavam ou pareciam estar contra o governo que propagava o sentimento anticomunista. Assim, Danforth incita o medo na população de Salém sobre o perjúrio contra os mandamentos de Deus e o trabalho como bruxas, em servidão a Lúcifer, pois os moradores de Salém acreditavam na existência das bruxas e possuíam provas, o que gerava pânico na população. Dessa forma, foram orquestradas caças em torno de pessoas que eram julgadas “desobedientes” (MILLER, 2002, p. 1). Do mesmo modo, McCarthy incitava o medo do “comunismo”, devido à existência de um partido comunista, tão grande era o medo, pois existia uma sede em solo estadunidense do “Partido Comunista dos Estados Unidos da América”⁵, fundado em 1919, com localização em Nova Iorque. Para a configuração social dos EUA nos anos de 1950, o comunismo era a “bruxa” que deveria ser caçada.

Thomas Danforth seria uma ferramenta utilizada para aludir indiretamente sobre o movimento macarthista de perseguição e julgamento, o que não se restringe apenas ao povo norte-americano, muito menos está isolado do contexto de guerra entre grandes nações. Por muitas vezes, escapa à mente dos leitores que os personagens são, antes de qualquer coisa, ficcionais e não existem fora da escrita. Contudo, negar a relação entre personagem ficcional e indivíduo seria irracional, Brait (2017, p. 11) comenta que “as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção”. Deste modo, para saber algo a respeito de um personagem, Beth Brait enfrenta diante a construção do texto a maneira como o autor, Arthur Miller, encontrou moldes do enredo, já que, “todo texto, artístico ou não, ficcional ou não, projeta tais contextos objectuais ‘puramente intencionais’ que podem referir-se ou não a objetos onticamente autônomos” (CANDIDO, 1963. p. 08). Dessa maneira, ao analisarmos o personagem Juiz Danforth nos deparamos com um indivíduo que detém poder, e que acredita carregar a moral e verdade, semelhante a diversos pensamentos que as pessoas ao redor do

⁵ Communist Party of the United States of America (CPUSA)

mundo poderiam possuir características equivalentes. Para mostrar que é inflexível com pensamentos ou opiniões adversas às suas, Danforth não aceita ataques contra suas crenças e virtude, característica bem explorada no texto quando o personagem se enfurece após Giles entrar aos berros durante o tribunal em que sua mulher Martha Corey estava sendo julgada: “Ofender é dizer muito pouco. Isto é uma autêntica subversão, senhor! O senhor não sabe que este Tribunal é a mais alta jurisdição desta província?” (MILLER, 1997, p. 67), diz o juiz. Tal ação do personagem Giles fora tomada por diversas vezes ser difamado em consequência de diversos ocorridos, mas nunca culpado. E por ter sido julgado no tribunal, ele adquiriu experiência para reconhecer quando alguém culpa outrem por questões pessoais. Assim, ele afirma que as acusações feitas no tribunal são apenas para apreender terras de outros moradores, contudo, ele se recusa a dizer quem são suas fontes.

A obra teatral e a realidade estadunidense entram em paralelo em “The Crucible”, dessa forma, Miller usa técnicas de criação para representar e simular o real (BRAIT, 2017. p, 13) de maneira que uma parcela do interesse social nos anos 1950 está diretamente atrelado a determinada passagem na obra, refletindo o momento em que a opinião pública estadunidense começa a se voltar contra os principais casos de injustiça no período macarthista. Em “The Crucible”, há um momento em que os moradores pressionam Danforth a soltar alguns prisioneiros, pois a cidade não estava funcionando, devido ao grande número de acusações que foram feitas e pessoas sendo sentenciadas à força. Hale diz: “Excelência, há órfãos que vagueiam de casa em casa; o gado abandonado muge pelas estradas; o fedor das colheitas apodrecidas envenena o ar e ninguém sabe quando o grito duma prostituta poderá significar o fim da sua vida...” (MILLER, 1997, p. 102)

A situação de abandono da cidade levou Danforth a aceitar o pedido de confissão do personagem John Proctor, um personagem de grande orgulho e renome na comunidade de Salém, também possuidor de grandes terras, que cometeu adultério, confessou perante o júri e, posteriormente, seria o primeiro homem a ser acusado de bruxaria. Dessa forma, Danforth se encontra pressionado, mesmo indo contra a conduta que acreditava ser moralmente certa, pois sabia que Proctor, ao confessar, estaria mentindo e não realmente se arrependendo de uma acusação feita sobre ele. Esta atitude de “soltura” serviria para a população não se revoltar e criar uma rebelião em decorrência das mortes geradas por acusações e delações aplicadas pelo Juiz Danforth, como representa as falas:

Parris: [...] E... o senhor sabe...murmura-se em Salém... Dizem que em Andover expulsaram o Tribunal e o povo não quer mais ouvir falar em feitiçaria. E para ser franco, senhor receio que haja tumultos também em Salém.

Juiz Danforth: Tumultos! Mas por quê? Após cada execução, só vejo satisfação em todos os rostos.

Parris: Até aqui tem morrido na forca gente doutra laia, Excelência. Rebeca Nurse não é a Bridget que viveu três anos amigada com um bispo antes de casar com ele. E John Proctor está longe de ser o Jacob que arruinou a família com a bebedeira. Essas pessoas ainda gozam de grande estima em Salém. Receio muito que quando Rebeca Nurse subir ao patíbulo, se começar a rezar, estale a indignação, e a vingança desta gente caia sobre nós. (MILLER, 1997, p.100-101)

A função narrativa nesta passagem da obra aborda alguns pontos que valem a pena serem destacados. Primeiramente, o contentamento que Danforth expõe após falar das execuções e a “felicidade” que ele observava nos rostos dos moradores de Salém. Nessa passagem, o personagem é quem absorve as palavras do texto, passando a constituí-las, tal qual a realidade, tornando-se um objeto da ação. Por não apresentar um lado sensível, Danforth realça outros aspectos, dando ao personagem um “um caráter mais nítido do que a observação da realidade costuma a sugerir levando-às, ademais, através de situações mais decisivas e significativas do que costuma ocorrer na vida” (CANDIDO, 1963, p. 26), outrossim, Danforth elabora um modelo esquemático, seguindo em um script: mergulhar no personagem; o que o personagem almeja; o caminho do personagem; o que o personagem faria para satisfazer o que ele quer (BALL, 1983, p. 46)⁶. Quanto ao personagem Parris, ao se referir “gente doutra laia” pode estar referindo-se às pessoas que ele julga não serem “dignas”, aludindo ao cunho financeiro, ou ainda, equiparando ao grupo marginalizado, como a própria serviçal. Ademais, Parris coloca uma distinção entre Proctor e Rebeca Nurse dos demais moradores de Salém; Proctor, por ser um grande fazendeiro e possuidor de grandes terras, é detentor de notoriedade pelas suas propriedades e trabalho. Já Rebeca Nurse, uma senhora na comunidade que possui grande respeito, por ser religiosa vigorosa e, ressaltando seu trabalho, de ser enfermeira, então pressupõe-se que foi ela a realizar diversos partos ao decorrer dos anos em Salém, ajudando diversas famílias. Portanto, quando Parris fala sobre a ira que causaria nos moradores, caso ambos fossem para a forca, está descrevendo o pensamento de matar duas pessoas de fundamental notoriedade para a comunidade de Salém, devido ao grau de importância que tiveram na construção da cidade.

Dessa forma, a peça trabalha o campo da lógica ficcional, refazendo o mistério humano, assim como os aspectos puramente epistemológicos e ontológicos. O texto serve tanto para fins teóricos ou práticos como para fins estéticos, realçando a forma como os personagens transmitem uma informação (CANDIDO, 1963, p. 27-29).

Outrossim, a frase dita pelo personagem Danforth “ou você está com este tribunal, ou

⁶“Action results from what a character *does* to get what he or she wants (motivation) in spite of obstacles. The first step in delving into character is to find out (1) what the character wants, (2) what is in the character's way (obstacle), and (3) what the character does or is willing to do to satisfy the want.” (Ball, David, 1983, p. 46)

está contra esse tribunal” se equipara à fala do presidente George W. Bush quando diz “ou estão conosco, ou com os terroristas” no ano de 2001, como comenta Feghali (2001), fazendo o tema da obra “The Crucible” ser atemporal no que tange a situações de conflito. Mesmo em anos distantes da publicação da peça, frases e ações seguem se repetindo. Pensa-se, dessa forma, a semelhança existente entre personagem e pessoa, o que Aristóteles menciona em dois pontos: a personagem como reflexo da persona humana, e a personagem como construção, obedecendo às leis que regem o texto. Evidenciando a seleção diante da realidade e as maneiras que o autor consegue juntar “possibilidade, verossimilhança e necessidade” (BRAIT, 2017, p. 29-31).

A caça às bruxas, o medo e a intolerância demonstram a forma que perpassa diversas situações de maneira contundente no mundo, não diferente, também no Brasil⁷ (SANTOS, 2019, p. 284). Moraes (2015, p. 165) fala sobre a ferida que o movimento de perseguição deixou e não cicatrizou na sociedade estadunidense, que se abre a cada novo episódio de intolerância e perseguição, o que, de acordo com Miller (1997), se propaga não só por toda a história americana, mas pelo mundo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar e discutir sobre o personagem Thomas Danforth, que procura levar a sua justiça à comunidade de Salém e explora a situação das pessoas simples e sem poder que precisam “andar nos trilhos” em uma configuração social

⁷ O resultado da pesquisa de mestrado de Danielle Barreto Lima sobre “O COMANDO DE CAÇA AOS COMUNISTAS (CCC): DO ESTUDANTE AO TERRORISTA (1963-1980)” aborda a questão do Comando de Caça aos Comunistas (CCC), em especial as suas ações e pautas, ao decorrer do período da ditadura civil-militar (1964-1985). Na década de 1960, segundo Danielle (2021) o discurso anticomunista repercutia em meio a sociedade e, visivelmente, dentre os estudantes: “democráticos”, apreensivos com a “ameaça comunista”, agiam em defesa da pátria contra o que era em seu entendimento às manifestações subversivas e tinham como foco rivalizar a direção de instituições como a União Estadual dos Estudantes (UEE) e a União Nacional dos Estudantes (UNE). Assim, o CCC em conjunto com seus participantes, exerciam-se como frente da repressão a serviço do regime na perseguição aos “subversivos” dentro do ambiente universitário, como um arguidor sobre a livre manifestação do pensamento e ação de indivíduos e grupos que não estavam dispostos a compactuar com seus ideais de democracia e nacionalismo, ou que ocupavam espaços almejados por seus integrantes, em um “mix” que conglomerava a atuação de filiados do grupo por meio de partidos acadêmicos e práticas assinadas pelo CCC. (p. 01-04).

Ademais, como ressalta a equipe “Marcas da Memória” da UFRJ, “após o golpe de 1964, o Brasil iniciou uma longa ditadura que perdurou até 1985. Lideranças políticas e sindicais foram presas, parlamentares cassados, militantes políticos exilados”. Essas perseguições, que ocorreram em uma situação política brasileira, apresentaram padrões semelhantes de perseguição aos ocorridos nos EUA, nos anos de 1950. A equipe “Marca da Memória” se expressa dizendo “[...] A ditadura fechou os partidos políticos existentes e criou dois novos: Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e Movimento Democrático Brasileiro (MDB) — um partido de situação e outro de “oposição consentida”. O novo governo editou Atos Institucionais com os quais criava condições excepcionais de funcionamento “legal” para atos ilegais e arbitrários.” Desse modo, qualquer indivíduo ou grupo que fosse contrário às condições impostas, poderia ser detido e preso por perjúrio.

Assim, para apresentar as opressões feitas pelo governo da época “[...] muitos brasileiros resistiram e lutaram contra a ditadura de variadas formas. Nos primeiros anos após o golpe, estudantes, artistas e intelectuais se manifestaram contra a ditadura.”

conturbada, semelhante ao que fala Boito Jr. (2021, p. 21), ao analisar o conceito de crise política de duplo poder difundido por Lenin (1979), visto que Danforth está alocado em uma classe dominante e mescla sua posição com a configuração já pré-definida, utilizando assim, dos privilégios já dispostos sobre ele e a título de “júri” para continuar com o controle sobre as massas. A comunidade de Salém, passa então a ser também um local que se visualiza a perseguição às bruxas, por um fator de poder advindas de posições hierárquicas, como a corte que julgava os simples moradores de Salém.

Dessa forma, moldando um arranjo que elucida a forma que a crise perpassa em comunidades que são estruturadas pela própria classe dominante e seu controle, bem demonstrado nas passagens da obra sobre o descontentamento do povo e a desestrutura que uma cidade pode gerar, ao ficar totalmente infeliz com o abuso de poder.

“The Crucible” é uma obra que foi criada por Miller para aludir aos acontecimentos vividos nos EUA, e que posteriormente viria a se tornar um marco em sua carreira, por trabalhar o âmbito de perseguição que ocorreu nos anos 1950 após a Segunda Guerra Mundial. Desse modo, o tema da peça de Miller se torna atemporal por se passar em outros contextos, tempos e nações, assim como aconteceu no Brasil.

Ao abordar o tema de perseguição e configuração de classes, pode-se chegar ao Brasil, e citar um movimento que ficou conhecido como “caça aos comunistas” que ocorreu durante o período da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), e se propagou por anos e ainda sobram resquícios em meio a falas anticomunistas, que apontam a raiva e o medo de uma outra época. Assim, pensamentos, falas e gestos transpassam diversas sociedades, pois como disse Miller (1997, 16) “existem inúmeras Salems contemporâneas, prontas para anunciar bruxarias [...]”.

REFERÊNCIA

ARAÚJO, Maria Paula. SILVA, Izabel Pimental da. SANTOS, Besirree dos Reis.

DITADURA MILITAR E DEMOCRACIA NO BRASIL: HISTÓRIA, IMAGEM E TESTEMUNHO. Realização: comissão de anistia do Ministério da Justiça universidade Federal do rio de Janeiro. - 1. ed. - rio de Janeiro: Poteiro, 2013

BALL, David. **Backwards & Forwards: A Technical Manual for Reading Plays.** New York City. Southern Illinois University Press. Jul, 1983.

BETTI, Maria Sílvia. **No compasso do tempo: Arthur Miller (1915-2005).** Reportagem da Oficina de Informações, São Paulo, S.P., p. 31 - 33, 01 mar. 2005.

BOITO JR, Armando. **O caminho brasileiro para o fascismo.** Universidade Federal da Bahia - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Centro de Recursos Humanos. Salvador,

Bahia Brasil. 2021. <disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/CSKYLS49WkF4Zr7fnFJTMmm/abstract/?lang=pt>

BRADFORD, Wade. "'The Crucible' Character Study: Judge Danforth." ThoughtCo, Aug. 29, 2020, [thoughtco.com/the-crucible-character-study-judge-danforth-2713481](https://www.thoughtco.com/the-crucible-character-study-judge-danforth-2713481). Acesso em: 15 dez. 2021.

BRAIT, Beth. **A personagem**. Edição 1ª. São Paulo, Brasil. Editora, Contexto, p. 1-176. 1 abr. 2017.

BRASIL, Clarissa. **O brado de alerta para o despertar das consciências: uma análise sobre o Comando de Caça aos Comunistas**. Brasil, 1968-1981/Clarissa Brasil. 2010. 124 f.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 2ª edição. São Paulo. p. 1-96. 1963.

CARVALHO, J. L. F.; VERGARA, S. C. **A fenomenologia e a pesquisa dos espaços de serviços**. Revista de Administração de Empresas – RAE, v. 42, n. 3, jul./ set. 2002.

FERREIRA, Argemiro. **Caça às bruxas: Macartismo, uma tragédia americana**. Porto Alegre: L&PM, 1989.

FEGHALI, JANDIRA. **Discurso do(a) Deputado(a) Jandira Feghali**. Portal da Câmara dos Deputados, 2001. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=190.351.O&nuQuarto=38&nuOrador=3&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=14:14&sgFaseSessao=GE&Data=03/10/2001&txApelido=JANDIRA%20FEGHALI,%20PCDOB-RJ&txFaseSessao=Grande%20Expediente&txTipoSessao=Ordin%C3%A1ria%20-%20CD&dtHoraQuarto=14:14&txEtapa=>>>. Acesso em: 21 mai. 2022.

KARNAL, Leandro et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007. 269 p.

LIMA, Danielle Barreto. **O Comando de Caça aos Comunistas (CCC): do estudante ao terrorista (1963-1980)**. 2020. 279 f. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. Acesso Aberto: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/23535>

MENDONÇA, Maurício Arruda. Caderno Entre Livros: **Panorama da Literatura Americana**. Editora: Dueto. N. 03. P. 96. 2004.

MILLER, Arthur. **Why I Wrote "The Crucible"**. The New Yorker From The Archive - Life and Letters., New York, p. 1-6, 21 out. 1996.

MILLER, Arthur, 1915-2005. **A morte de um caixeiro-viajante e outras 4 peças** / Arthur Miller; tradução José Rubens Siqueira; prefácio Otavio Frias Filho. — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MILLER, Arthur. **The Crucible: The Crucible and Related Readings**. Editora: Evanston, Illinois. Boston: McDougal Littell, 2002.

MILLER, Arthur. **As Bruxas de Salém**. Tradução de Valéria Chamon. Editora: Ediouro. Rio de Janeiro, 1997.

MILLER, ARTHUR. **Timebends: A Life**. Nova York: Harper and Row Publishers, 1987.

MORAIS, Gabriela de Sousa. **Os Processos de Salem: Uma breve análise da sua historiografia, memórias e representações**. Curitiba, v. 6, ed. 1, p. 1-24, 9 dez. 2015.

MAGALDI, Sábato. **O texto no teatro**. Editora: Perspectiva. Universidade de São Paulo. Coleção Estudos, n. 111. 1989.

OLIVEIRA, Éwerton Silva. **A View from the Bridge, de Arthur Muller**: uma peça com traços épicos e questões sociais (Macarthismo). Revista Científica Vozes dos Vales. UFVJM - MG - Brasil - nº 06 - Ano III, p. (1-20) outubro de 2014

ROSENFELD, Anatol. O teatro épico. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

RANGEL, Maria Theresa Targino de Araújo. **História e ficção na construção do conflito trágico em As Bruxas de Salém, de Arthur Miller**. João Pessoa - PB, p. 1-167, 15 abr. 2011

ROSEFELDT, Paul. **Critical Insights**: Arthur Miller. Canada. Editor: Brenda Murphy, University of Connecticut. October 2010. P. 08-12.

RUSSO, P. **Análise formal de All My Sons e de An Enemy of the people de Arthur Miller**. Tese (Mestre em estudos linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 225. 2014.

SANTOS, R. O. dos. **Medo, paranoia, Macarthismo e o século XXI: Usando o episódio 22 de além da imaginação em sala de aula**. História: Questões & Debates. Curitiba, Volume 67, n. 1. p. 283-306, jan-jun. 2019

SILVA, Jane Pessoa Da. **Ibsen no Brasil**: Historiografia, Seleção de textos críticos e Catálogos bibliográficos. Orientadora: Profa. Dra. Iná Camargo Costa. 112 páginas. Dissertação para obtenção do título de mestre em Letras. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-01112007-141703/publico/TESE_JANE_PESSOA_SILVA_VOLUME_I.pdf> Acesso em: 22 mai. 2022

SZONDI, Peter. **Teoria do Drama Moderno: 1880-1950**. Trad. Luiz Sérgio Rêpa. São Paulo: Cosac & Naify, 2001

TEIXEIRA, Enise Barth. **A Análise de Dados na Pesquisa Científica**: importância e desafios em estudos organizacionais. Desenvolvimento em Questão. Editora Unijuí. Ano 1, n. 2. p. 177-201, jul./dez. 2003.

TEATRO Épico. In: **ENCICLOPÉDIA** Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo617/teatro-epico>>. Acesso em: 22 mai. 2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7